

As Imigrantes de Londrina: uma Análise Hodonímica

Bruno Sanches Mariante da Silva¹

Resumo: Sendo fruto de empreendimento imobiliário, a cidade de Londrina recebeu pessoas de todos os cantos do Brasil e do mundo, atraídas pelas propagandas que faziam crer acerca da fertilidade da terra e da facilidade de progresso. As campanhas publicitárias foram espalhadas pelos quatro cantos do Brasil e em diversos países. O *discurso de felicidade* nelas impregnado deu esperança a milhares de estrangeiros que já viviam no Brasil e a outros tantos que para o Norte do Paraná decidiram viajar. Em pouco menos de uma década de ocupação do território pela Companhia de Terras Norte do Paraná, Londrina já contava com três dezenas de diferentes nacionalidades presentes no processo de construção da *cidade menina*. A presença imigrante se fez maciça na história da cidade, o que não significa dizermos que sempre houve um convívio pacífico entre imigrantes e seus descendentes e os não-imigrantes. Assim como em outras partes do território brasileiro, no Paraná, e mais especificamente em Londrina, também foi sentido o impacto das leis anti-imigrantes do período do governo nacionalista de Getúlio Vargas, a partir de 1934. No presente artigo, no qual apresentaremos parte de nossa pesquisa de mestrado em andamento, nos orientaremos a partir de um arcabouço teórico-metodológico emprestado da Linguística e diversas vezes utilizado por outras ciências próximas, como a História: a toponímia. Entendendo a língua como social, coletiva e sistemática, este ramo do saber lingüístico investiga os nomes de lugares e suas motivações. Por conseguinte, os estudos toponímicos consideraram não somente os aspectos lingüísticos, como também os extralingüísticos, marcando o caráter interdisciplinar de tais estudos. Deve-se considerar o topônimo (o que dá nome ao lugar) como um produto cultural, que mostra a organização de uma região e de seus ocupantes. Dessa forma a toponímia nos auxiliará a perceber os ideais pensados para a cidade assim como as representações presentes no espaço urbano londrinense. Operado um recorte, nosso estudo centrar-se-á na Hodonímia, ramificação da Toponímia que compreende o conjunto dos nomes das ruas e avenidas de todas as áreas de circulação de um centro urbano. Destarte, nosso *corpus* inicial é constituído por mais de 4.600 ruas, avenidas e praças da cidade de Londrina. No entanto, em nossa pesquisa de mestrado optamos por analisar aproximadamente 780 hodônimos. Esse número corresponde às ruas e praças que foram batizadas com nomes de mulheres, nosso objeto de estudo. Já no presente trabalho dentro dessa grande soma de hodônimos selecionaremos aqueles que portam nomes de mulheres imigrantes. Escolhemos as mulheres por acreditarmos que estas foram longamente obscurecidas por uma história oficial escrita por homens e para homens, na qual, sobretudo, se narrou feitos de homens e as mulheres, muito pouco ou quase nunca referidas nesses acontecimentos, preencheram um espaço em que a presença e o olhar masculino não alcançaram. Procuraremos então responder de que maneira a toponímia contempla essas mulheres que, na perspectiva do pensamento comum na primeira metade do século XX, acompanharam seus maridos na aventura de fazer a vida no setentrião paranaense. Homens e mulheres que deixaram seus países para na terra roxa londrinense construir uma felicidade e hoje se encontram representados no espaço urbano, mesmo que seja em uma porção diminuta.

Palavras-chave: Londrina, toponímia, mulheres, imigração.

Londrina!
Cidade de braços abertos
A todos os filhos do nosso Brasil!
E a todos aqueles de Pátria distantes,
Que aqui confiantes
Sob um pálio anil,
Seu lar construíram e aos filhos se uniram,
E aos filhos se uniram do nosso Brasil!²

O Hino do Município de Londrina canta o caráter receptivo da cidade e seu povo, que nas terras *roxas* do Norte do Paraná receberam os diferentes povos dispostos a juntos construir a felicidade paralelamente à construção da cidade de Londrina. É sabido que os imigrantes – ou migrantes imigrantes – desempenharam papel importante na formação da cidade, tem em vista que esta começou como um empreendimento imobiliário.

A imigração é parte fundamental da história do Brasil, pois ao nos referirmos às migrações internacionais para o Brasil, podemos recuar no tempo até o início da colonização deste território. O território brasileiro foi inicialmente ocupado por portugueses e escravos africanos, o que dá ao Brasil uma relação profunda com os movimentos migratórios ao longo dos últimos cinco séculos. No entanto foi no século XIX que esta relação se aprofundou e se diversificou com a entrada de milhares de imigrantes europeus e asiáticos.

De acordo com Hebert Klein (1999) é, sobretudo, a partir da década de 1880 que a migração para o Brasil se intensificou. Além da mudança quantitativa no fluxo de pessoas, mudou-se também as origens. Desse ponto em diante passaram a migrar muito mais europeus do leste e do sul. Este processo migratório era estimulado pelo governo federal e pelos governos estaduais, em especial, pelo governo do Estado de São Paulo. Desta forma imigrou para as plantações de café, particularmente, paulistas toda a sorte de trabalhadores, obedecendo à preferência do governo brasileiro de núcleos familiares e não indivíduos sozinhos, pois os núcleos familiares facilitavam a permanência dos imigrantes na fazenda para a qual foram contratados.

A imigração para a América, segundo Klein (1999) passou a apresentar menores índices a partir do final da década de 1920, principalmente, em razão das crises econômicas pós-1929, que eram atribuídas diversas vezes à presença imigrante. No Brasil a entrada diminuirá também em razão pelas leis xenófobas que se estabeleceram após 1934. Essas leis foram criadas de acordo com o princípio da eugenia e da purificação da raça. No caso brasileiro havia um discurso muito forte para o branqueamento da raça, o que fez diminuir, especialmente, a imigração japonesa.

Em meio ao governo autoritário de Vargas e as leis restritivas aos imigrantes, havia um lugar onde os imigrantes eram bem-vindos – pelo menos por enquanto – esse lugar era o Norte do Paraná. Nesta vasta região pouco habitada a empresa Paraná Plantation – empresa de capital estrangeiro com sede em Londres – comprou 515 mil alqueires visando a introdução da cultura algodoeira. Por problemas com grileiros e o elevado custo da produção, o plano foi transformado em um empreendimento imobiliário para venda de lotes médios tanto rurais quanto urbanos. Ficou a carga de sua subsidiária brasileira, a Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP), a exploração, venda e administração do empreendimento.

Para que esse projeto desse certo e não se perdesse o capital investido com a compra das terras foram empreendidas diversas campanhas publicitárias que correram o Brasil e o mundo. Essas campanhas, em primeiro momento, divulgavam as qualidades da terra *roxa* norte-paranaense e sua fertilidade. Após o primeiro crescimento da cidade e sua decorrente elevação a município em 1934 passou-se a divulgar a facilidade e rapidez para se

ficar rico em Londrina. O resultado é que foi nesse período que Londrina começou a crescer, pois até 1934 Londrina não possuía mais de 300 edificações (IVANO, 2001). Contudo, começaram a chegar imigrantes e migrantes de todos os cantos. Nesse sentido, Sonia Adum (1997) nos diz que “grandes contingentes punham-se em migração em busca da ‘Terra da Promissão’, que bem poderiam ser as do Norte do Paraná, principalmente como uma possibilidade de acesso à propriedade”³ já que os lotes vendidos pela CTNP eram menores e, por sua vez, mais baratos.

Muitos desses trabalhadores vinham de outras regiões agrícolas no interior de São Paulo e Minas Gerais, entre eles muitos imigrantes italianos, alemães e japoneses. Como indica o historiador Rogério Ivano (2001) “mesmo com o nativismo exacerbado, o racismo, a xenofobia e as restritivas leis sobre imigração inauguradas com a Constituição de 1934, o norte do Paraná seria destino de imigrantes que representavam ameaça, perigo e outros medos” (p.93). Ou seja, as leis federais de caráter xenófobo não impediam a CTNP de abrigar cada vez mais migrantes estrangeiros em suas colônias e dos mais diferentes lugares do mundo, pois acima de tudo como um empreendimento imobiliário capitalista a Companhia de Terras precisa vender seus lotes. A tabela 1 mostra número de imigrantes de algumas nações presentes em Londrina em 1938. Chama-se a atenção para o valor diminuto da presença inglesa, tidos como os grandes construtores da cidade de Londrina – inclusive origem do nome da cidade – contam apenas 07 cidadãos.

Tabela 1 – Presença imigrante em Londrina em 1938⁴

Brasileiros	1823	Rumenos	12
Italianos	611	Inglezes	7
Japonezes	533	Syrios	5
Alleães	510	Argentinos	5
Hespanhóes	303	Dinamarquezes	3
Portuguezes	218	Norte Americanos	2
Polonezes	193	Australianos	2
Ukranianos	172	Suecos	2
Húngaros	138	Francezes	2
Tchecos-Eslovacos	51	Búlgaros	2
Russos	44	Belgas	2
Suíços	34	Liechteinsteonianos	2
Austríacos	29	Noruegues	2
Lituanos	21	Indiano	1
Yoguslavos	15	Estoniano	1

A grande migração para a cidade causou um:

Transbordamento do traçado inicial da cidade, planejada para abrigar no máximo 30.000 pessoas. Entre os anos de 1936 e 1939, três vilas surgiram além do perímetro urbano. Em 1951, a cidade contava com cinquenta e três vilas ao seu redor, quase todas instaladas entre 1944 e 1947, e ao longo da década elas se elevaram a sessenta e sete. ARIAS NETO, 1997⁵

Esse grande crescimento da cidade de Londrina vai, na década de 1950, ser responsável por um projeto de ordenamento do espaço urbano. O então prefeito Hugo Cabral contrata o ex-prefeito da capital paulista Francisco Prestes Maia para criar um plano de ordenamento para que a cidade crescesse de modo organizado. Prestes Maia elabora seu pré-

projeto baseado em preceitos modernistas que também inspiraram o Plano de Avenidas de São Paulo. Em dezembro de 1951 a Câmara de Vereadores de Londrina aprova a lei 133/51, baseada no projeto de Prestes Maia e que regulamentaria o urbanismo da cidade até 1998.

O artigo 146 da referida lei versa sobre as condições para se nomear as ruas, avenidas e praça com os incisos versando sobre as condições, as proibições e até mesmo sobre as placas. Todavia, mercê destaque o inciso b do primeiro parágrafo deste artigo por destacar que a preferência para batizar as ruas é dada aos nomes de significação cívica e cultural. E é sobre essa gama de ruas, praças e avenidas batizadas após 1951 que empreenderemos nossas análises nos valendo do arcabouço teórico-metodológico da Lingüística, que é ciência irmã da História.

A Lingüística, ciência que estuda a linguagem humana em todas as suas manifestações, possui ramificações, uma delas é a Onomástica. Este ramo da Lingüística se ocupa do estudo dos nomes e é dividido em dois: Antroponímia e Toponímia. A primeira procura investigar os nomes próprios de pessoas enquanto a segunda se ocupa dos nomes próprios de lugares. Destacamos que em nosso estudo a Toponímia oferecerá importante respaldo teórico-metodológico. No entanto, há dentro da toponímia uma ramificação que nos é mais cara: a Hodonímia – ramo da toponímia que abarca o estudo dos nomes de ruas e estradas.

O estudo de ruas e avenidas justifica-se, como todos os trabalhos que envolvem a linguagem, pois a língua é social e coletiva. Por assim o ser, liga-se especialmente aos imaginários da população que atribui os nomes. Lembrando Bronislaw Bazko consideramos as cidades como projeções dos imaginários, a própria materialização dos mesmos. Reginaldo Dias (2000)⁶ nos diz que “analisar a organização dos nomes de rua de uma cidade é aferir dimensões significativas de sua relação com a história”. Ora, não podemos acreditar que a nomeação de ruas seja uma atividade inocente e banal apenas baseada no pressuposto da localização espacial na cidade. Ela não o é. A nomeação de ruas de uma cidade é permeada por valores, ideais, imaginários, ideologia e memórias. É o que nos lembra Gabriel Ramón J. ao afirmar que “o tratamento dado pela cidade oficial à nomenclatura diz muito sobre as características do projeto urbano que esta tramava”⁷.

Lembrando que esses tópicos que são concatenados nos nomes de rua, são, especialmente, elementos voláteis e propensos a mudanças e renovação. Assim

(...) com o decorrer do tempo, os nomes das ruas e praças vão se alterando, acompanhando a dinâmica urbana, no sentido de acompanhar uma nova época, um novo tempo, um novo fato ou um novo mito. Essas mudanças nem sempre são simples ou aceitas tão facilmente.⁸

Esse caráter mutável da hodonímia, sujeita a reatizações, é destacado por Reginaldo Dias e por Daniel Milo. Dias (2000) nos conta que em Curitiba, assim como no Rio de Janeiro e São Paulo, um largo número de ruas teve de ser reatizado no final do século XIX, por ocasião da proclamação da República e fim do Império. Assim, não cabia mais haver uma rua denominada “da Imperatriz” ou “do Imperador”. Fato semelhante aconteceu em Paris, como apresenta Milo (1997), no entanto, segundo o historiador, Paris passou diversas vezes pelo processo de reatização de suas ruas em virtude da troca de regime político. E Milo acrescenta que em face dessas mudanças torna-se importante e interessante analisar esses nomes:

Une curiosité aussi intermittente fait bien voir que les noms de rues sont eux-mêmes d'un intérêt limité. Leur étude n'a de sens qu'à condition de s'interroger, au-delà, sur les sociétés qui les ont produits, utilisés – et ignorés. Pour qui s'intéresse à la constitution des lieux de mémoire, les noms de rues pourraient peut-être servir d'indices, et ce à un double titre: comme manifestations de la mémoire collective d'une communauté, et comme signes extérieures de notoriété.⁹

Não podemos nos esquecer que Jacques Le Goff disse que assenhorear-se da memória e do esquecimento é uma das questões de maior importância e relevância para os governos e para os grupos sociais. A memória está intimamente ligada às questões identitárias e dessa forma é poder em disputa, poder, especialmente, simbólico. É o exemplo que Froisi (2010) destaca em Caxias do Sul, Rio Grande do Sul. A autora chama a atenção para o fato de que em Caxias do Sul a maioria da população até a década de 1970 era descendente de italianos, isso se inverteu hoje. No entanto, politicamente a cidade fora por muito tempo governada por não-italianos. O que gerou uma composição urbana peculiar no que tange à nomenclatura das ruas, pois a maioria das ruas de Caxias, hoje, possui nomes italianos (61,78%), no entanto, as ruas com nomes luso-brasileiros predominam no centro da cidade, área de maior importância (FROSI, 2010).

A análise da hodonímia londrinense que pretendemos empreender está diretamente ligada à História Cultural e das Mentalidades. Essas são, essencialmente, multidisciplinares, tendo em vista que podemos usar elementos da Linguística, da Antropologia e das demais Ciências Sociais. Como Milo nos disse acima, os hodônimos nos servem como indícios para começarmos a desvelar essa trama de imaginários, memória e espaço urbano. Londrina possui mais de quatro mil hodônimos. Neste presente artigo exploraremos aqueles que são dotados de nomes de imigrantes, no entanto, investigaremos os hodônimos com nomes de mulheres imigrantes. Em nossa pesquisa de mestrado estudamos os nomes de ruas londrinenses que foram batizados com nomes de mulheres, por isso operou-se tal delimitação para o este texto.

Escolhemos as mulheres por acreditarmos se tratar de temática que requer estudo. As mulheres foram por séculos relegadas pela História. Ciência do passado era feita por homens e para homens, especialmente, para contar os atos de bravura e grandiosidade desses. No entanto, não se trata de um fator exclusivo da historiografia. As mulheres por séculos ocuparam unicamente um lugar onde os olhos dos historiadores e cientistas não alcançavam: o lar. Michelle Perrot, historiadora francesa dedicada ao estudo da história das mulheres, nos diz que a separação entre público/privado era acompanhada pela separação homem/mulher.

Em linhas gerais, as “esferas” [pública e privada] são pensadas como equivalentes dos sexos e jamais a divisão sexual dos papéis, das tarefas e dos espaços foi levada tão longe. Aos homens, o público, cujo centro é a política. Às mulheres, o privado, cujo coração é formado pelo doméstico e a casa.¹⁰

O desafio se impõe também ao pensarmos a história das mulheres em uma região como o Norte do Paraná. O norte paranaense foi considerado nas décadas de 1930 a 1950 uma fronteira em movimento, ou seja, em contínua expansão, sempre surgindo cidades novas e novas mata a serem desbravadas. Desse modo há o discurso sobre as coragens dos homens que vieram abrir as clareiras e enfrentar as diversidades da mata e do sertão. E a coragem das mulheres que seguiram seus maridos nessa jornada aventureira? O pioneiro¹¹ é exaltado e homenageado frequentemente. Há o Dia do Pioneiro (21 de agosto), que relembra a chegada da primeira caravana de funcionários da CTNP no dia 21 de agosto de 1929.

Realizado esse percurso histórico e teórico-metodológico, pois assim nos é possível perceber nuances da história da cidade e o entendimento que a própria cidade tem de sua história, valorizando seus pioneiros.

Dentro da Toponímia há uma classificação¹² acerca dos topônimos: astropônimos, para aqueles que se referem a elementos astronômicos e corpos celestes; hidrotopônimos, para aqueles que carregam em si nomes de rios; fitotopônimos, para os que portam nomes de vegetais; antropotônimos, são aqueles que denominam ruas com nomes de pessoas; e axiotopônimos, para aqueles que além do nome de pessoas portam ainda um título como doutor, professor, duque, general etc. Essas são algumas das categorias de classificação existentes na Toponímia. Nos concentraremos, todavia, no estudo dos antropotopônimos, pois procuraremos investigar as ruas e avenidas que levam nomes de mulheres imigrantes. É preciso destacar que operamos um recorte temporal, pois essa pesquisa só é possível através

da análise das biografias dos homenageados, informações essas que só passaram a ser obrigatórias nas leis de nomeação de ruas em 1981, desta maneira, analisaremos as ruas a partir desta data.

Após pesquisa realizada junto ao IPPUL – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e junto à Câmara de Vereadores de Londrina descobrimos que entre 1981 e 2008 Londrina nomeou pouco mais de 3000 logradouros. Apenas uma pequena parcela das ruas londrinenses recebeu nome de mulheres: 696 ruas. Esse número representa aproximadamente 23% dos hodônimos desse período, ou seja, menos de um quarto das ruas receberam nomes de mulheres. O que nos leva a entender que aquela oposição público/privado, ainda que parcialmente superada, se faz presente e a dominação masculina é reiterada.

Antes de apresentarmos os números acerca das mulheres imigrantes é importante que dizemos que foram consideradas imigrantes todas aquelas mulheres que em suas biografias anexadas ao processo de nomeação das ruas foram declaradas como nascidas em outros países e que transferiram-se para o Brasil e para Londrina. Nossas fontes de pesquisa são, contudo, as leis de nomeação de ruas e as biografias ou currículos adicionados ao processo. Dessa forma ao longo desse período foi possível encontrarmos 46 ruas batizadas com nomes de mulheres imigrantes. O que, no universo de 696 ruas com nomes de mulheres, representa 6,6%, e, em relação ao total de ruas do período esse percentual cai para 1,5%.

Dentre essas 46 ruas é possível encontrarmos 14 nacionalidades diferentes. Tentando uma aproximação com as nacionalidades constantes na Tabela 1 supracitada, vemos que 13 delas lá estão referenciadas. Apenas o Líbano não consta na tabela de 1938, entendemos que isso se dá m razão de em 1938 o Líbano ainda não ser um país independente¹³.

Tabela 2 – Nacionalidades encontradas nas leis de nomeação em Londrina de 1981 à 2008.

Nacionalidade	1980	1990	2000	Total
Itália	4	4	1	9
Japão	1	2	0	3
Alemanha	0	5	0	5
Espanha	2	10	3	15
Portugal	0	2	0	2
Polônia	0	1	0	1
Hungria	0	1	0	1
Rússia	1	0	1	2
Lituânia	0	1	0	1
Romênia	0	1	0	1
Líbano	0	2	0	2
Iugoslávia	0	1	1	2
Síria	0	0	1	1
Estados Unidos	0	0	1	1
Total	8	30	8	46

A surpresa veio ao constarmos que o Japão ocupa o quarto lugar com apenas 3 ruas, o que representa 6% do total. Surpresa esta se deve ao fato de Londrina, como o Norte do Paraná, ter conhecidamente uma grande colônia japonesa. Esta colônia não só é grande como importante, tanto o é que, em 2008 o Príncipe herdeiro do trono japonês em visita ao Brasil por ocasião do centenário da imigração japonesa no país, passou por Londrina e inaugurou uma grande praça no centro da cidade denominada Tomi Nakagawa.

Lembramos que as fontes, especialmente, as escritas são construídas, são monumentos. Desse modo como extraímos tais dados das biografias anexadas aos processos de nomeação das ruas, devemos considerar que as biografias são elementos construídos a fim de legar uma imagem de si:

A construção de uma biografia exige o diálogo com as diferentes formas de controle simbólico do tempo e da individualização nas sociedades humanas, na busca de traduzir uma experiência de duração e estruturas imaginativas que relacionam uma vida e suas relações com a cultural na qual se insere uma “vida póstuma” na qual mortos e vivos dialogam a partir de heranças dos primeiros e das carências dos segundos.¹⁴

Essas biografias das mulheres homenageadas no espaço urbano serão fonte de nossa dissertação de mestrado e estão por serem analisadas. No momento, como fruto de breve análise, percebemos que nas biografias dessas mulheres imigrantes há uma grande incidência da presença do marido e/ou dos filhos. Há sempre referências como: “esposa de...” “ajudou o marido ...” “o marido foi...”, “mãe de tantos filhos...”, “seus filhos na cidade residem e contribuem para o progresso da cidade...”. Há também uma grande incidência de leis onde esposa e marido estão homenageados. Dessas há uma grande parte na qual as biografias são conjuntas, contando a história do casal. Outro fator recorrente é a religião, um grande número de biografias relata que as homenageadas eram “boas cristãs” ou ajudavam os projetos das paróquias. Templos budistas também são referenciados. Outro fator que tem destaque é a dificuldade de adaptação, principalmente, devido ao idioma.

Existem ruas as quais suspeitamos se tratem de imigrantes como Agui Kobayashi. Essa confusão se dá, principalmente, nos nomes de imigrantes. No entanto, as razões destas omissões nas biografias do fato de serem imigrantes nos escapam. É preciso também dizermos que algumas ruas mesmo constando nomes de mulheres não nos foi possível analisar, pois não eram acompanhadas de biografias. Isso se deu tanto por que algumas leis foram criadas por decretos do executivo quanto por ter se perdido em algum momento as biografias constantes nas leis. Ou seja, apesar de possuir nome japonês não se pode afirmar que se trata de uma imigrante, pode ser brasileira, filha de imigrantes. E sendo a biografia incompleta nesse ponto, não há meios de saber.

Ainda sobre os dados extraídos da análise das leis, é importante destacarmos que as espanholas de acordo com a tabela 2 ocupam o primeiro lugar com o maior número de indicações para nomes de ruas, seguidas pelas italianas. As últimas ocupavam a primeira colocação entre os não-brasileiros na tabela 1 de 193, fazendo parte da nacionalidade em maior número em Londrina. E as espanholas ocupavam a quarta colocação. As japonesas como já apontamos ocupam o quarto lugar em número de ruas, no entanto, em 1938 figuravam como o segundo maior número de não-brasileiros. É necessário que se pondere esses dados, pois eles dizem respeito a universos diferentes, tendo em vista que a segunda tabela concerne apenas às ruas nomeadas com nomes de mulheres.

Mesmo sem termos nos concentrado e analisado detalhadamente as ruas com nomes de homens imigrantes podemos perceber que são, numericamente, superiores. Podemos perceber isso pela presença de sobrenomes marcadamente estrangeiros nas ruas, sobretudo, japoneses. Isso vem reforçar os argumentos de Perrot (2005) ao nos dizer que a esfera pública fora destinada ao homem e à esfera privada às mulheres. Esse argumento de Perrot é reforçado pela breve análise das biografias que empreendemos, pois lá podemos ver que constantemente as mulheres são homenageadas por, justamente, terem ficado em casa e se dedicado à família. Há uma biografia de uma imigrante que diz que ela não foi pessoa de destaque, foi esposa, mãe e avó extremosa.

Quantitativamente as ruas com nomes de mulheres foram aumentando com o passar dos anos o que na década de 1950 foi apenas 1 em 1990 foram 308. É preciso se dizer que

houve também um grande aumento no número total de ruas nomeadas. Nos anos 1990 foram 1380 e em 1950 apenas 265.

Ainda nos perguntamos: tomando a tabela 1 como referência, se a população imigrante correspondia a mais de 60% da população total, por que ela foi tão pouco referenciada no espaço urbano londrinense? Não teriam todos esses imigrantes em Londrina permanecido? Talvez essa seja uma das respostas. Porém é necessário que se diga que a CTNP desejou muito que os imigrantes para Londrina viessem e adquirissem terras, mas nunca os garantiu uma vida tranqüila e em paz. Pois com a deflagração da Segunda Guerra, a CTNP é nacionalizada e a situação para os imigrantes no Brasil e, não menos em Londrina, torna-se delicada.

Assim analisa Priscila Fernandes (2005), ao abordar as sociabilidades dos imigrantes japoneses em Londrina. Segundo a autora havia contra os imigrantes um tipo de “preconceito à brasileira”, pois se dava de forma disfarçada. Havia um ar constante de desconfiança, especialmente, contra os japoneses, vistos como inassimiláveis e dissimulados. Já procuramos mostrar que

Essa aura de periculosidade japonesa e desconfiança, ainda presentes após o fim da guerra em 1945, permitiu que os conflitos extrapolassem a medida de atos do cotidiano, pequenas atitudes, e se tornassem assunto policial¹⁵.

As marcas do período de guerra declarada ficaram mesmo depois da guerra ter terminado. Relatos mostram abusos contra propriedades, prisões arbitrárias e demonstrações de preconceitos em razão da etnia anos depois da guerra acabar¹⁶. Há um silêncio sobre essa parte da história londrinense. Praças foram construídas em homenagem aos imigrantes, principalmente os japoneses, mas esse assunto jamais apareceu, cabendo à historiografia investigar e buscar respostas¹⁷. No entanto, ressaltamos que a permanência desse imaginário xenófobo, mesmo que disfarçado, permanece. Herança do caráter nacionalista do Estado Novo que criou um imaginário sobre a existência de espões imigrantes atrás de cada muro, de cada parede.

Como esta pesquisa ainda está em andamento e não pretendemos apresentar neste artigo conclusões finais sobre o assunto e sim apontamentos de pesquisa, encerramos nossa linha de raciocínio tentando demonstrar que as mulheres imigrantes possam ter sofrido um duplo estigma na hora de serem homenageadas: foram preteridas por serem mulheres e também por serem imigrantes. Como uma população tão numerosa de “pioneiros” em 1938 não se converteu em homenagens nos espaços urbanos? Acreditamos que para respostas mais profundas necessitamos dar continuidade à pesquisa.

Não podemos deixar de lembrar que recentemente em 2008 Londrina ganhou uma nova e moderna praça no centro da cidade, como já mencionamos acima. Tomi Nakagawa foi nome escolhido. Esta senhora japonesa morou os últimos cinquenta anos de sua quase centenária vida em Londrina. Morreu sendo a última passageira do navio Kassato Maru, embarcação que trouxe a primeira leva de trabalhadores japoneses para as fazendas paulistas de café em 1908. De importância destacada na colônia japonesa brasileira Dona Tomi recebeu a visita do Imperador Akihito em 1997. Dona Tomi é uma das mulheres japonesas homenageadas no espaço urbano londrinense. Não fora uma mulher de posses, pelo contrário, trabalhou e lutou muito para sobreviver no Brasil. Fora homenageada pela longevidade e perseverança.

As relações entre brasileiros e não-brasileiros não foram fáceis, no entanto, nem sempre foi conflituosa. Destacamos que quando nos referimos aos imaginários, às mentalidades não estamos nos remetendo à ações deliberadas e premeditadas. São ações que se entende por melhor e por vezes nem sabe por que se entende assim.

As mulheres imigrantes talvez tenham sido menos referenciadas, mas não devem ter sido as únicas. Perguntamos-nos: e as negras, as operárias? Teriam sido elas contempladas, e

se o foram, em que proporção? E também há de se interrogar as fontes, se os imigrantes assim como as demais minorias não foram homenageados por não serem notáveis na cidade, tendo em vista só uma pequena parcela o é. Isso reforça nosso argumento inicial de que a análise hodonímica pode nos revelar informações sobre as sociedades e sua organização.

Referências

- ADUM, Sônia M. S. L. *Imagens do progresso: civilização e barbárie em Londrina (1930-1960)*. Dissertação de mestrado. Assis-SP: UNESP, 1991.
- ARIAS NETO, José Miguel. *O Eldorado: Representações da política em Londrina: 1930 – 1975*. Londrina: EDUEL, 1998.
- DIAS, Reginaldo B. *A história além das placas: os nomes de ruas de Maringá (PR) e a memória histórica*. In: *História & Ensino*, Londrina, v.1, n.6, 2000.
- FERNANDES, Priscila M. *Imigrante japonês e sociabilidade na fronteira: Londrina 1930 – 1953*, Monografia de Especialização. Londrina: UEL, 2005
- KLEIN, Herbert S. Migração internacional na história das Américas. IN: FAUSTO, Boris (org.). *Fazer a América*. São Paulo: EDUSP, 1999.
- LE GOFF, Jacques. *Documento/Monumento*. Enciclopédia Einaudi. Imprensa Nacional – casa da moeda, 1984.
- LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. São Paulo: Ed. Unesp, 2001.
- MILO, Daniel. Le nom de rues. IN: NORA, Pierre. *Les lieux de mémoire*. Paris: Éditions Gallimard, 1997, vol.2.
- PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da História*. Bauru: EDUSC, 2005.
- POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. IN: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.2, n.3, 1989, p. 3-15.
- SARTORI, Tríssia O. *Ruas de minha cidade: um estudo hodonímico*. Dissertação. Caxias do Sul-RS: Universidade de Caxias do Sul, 2010.
- SILVA(a), Wilton Carlos L. Biografias: construção e reconstrução da memória. IN: *Fronteiras, Dourados MS*, v.11, n.20. p.151-166, jul./dez.2009.
- SILVA(b), Bruno. S. M. *A construção do Aeroporto e a Geopolítica de controle dos anos de guerra: o “perigo amarelo” (1934 – 1956)* Trabalho de Conclusão de Curso, Londrina: UEL, 2008.
- SOUZA, Celia Ferraz. *O sentido das palavras nas ruas da cidade*. Entre as práticas populares e o poder do Estado (ou público) IN: BRESCIANI, Maria Stella (org.) *Palavras da cidade*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2001.

Notas

¹ Mestrando – UNESP/Assis

² Hino do Município de Londrina – Letra: Francisco Pereira de Almeida Jr. Música: Andréa Nuzzi.

³ ADUM, 1997, p.66.

⁴ IN: Álbum de Londrina – 1938 apud YAMAKI, 2003. Conservou-se a escrita original de 1938.

⁵ ARIAS NETO, 1997, p. 145.

⁶ DIAS, (2000) p.105.

⁷ RAMOM J. Gabriel. (2001) p.124

⁸ SOUZA, Célia. 2001, p.138.

⁹ MILO, 1997, 1888-1889.

¹⁰ PERROT, 2005, p.98

¹¹ Sobre o pioneirismo no Norte do Paraná há grande debate na sociedade e na academia. Esses personagens são tidos como exemplos da bravura e do empreendedorismo, pois são aqueles que chegaram primeiro e desbravaram as terras virgens. Hoje a historiografia relativiza dizendo que são pioneiros não são só aqueles que chegaram e “deram certo”, mas também aqueles que vieram para trabalhar no campo, colher o café e não enriquecer com ele.

¹² Essa categorização foi extraída de SARTORI, 2010.

¹³ O Líbano declarou sua independência da França em 1941, tendo esta sido reconhecida apenas em 1943.

¹⁴ SILVAa, 2009, p.153.

¹⁵ SILVAb, 2008, p.60

¹⁶ VER: SILVA, Bruno. S. M. **A construção do Aeroporto e a Geopolítica de controle dos anos de guerra: o “perigo amarelo” (1934 – 1956)** Trabalho de Conclusão de Curso, Londrina: UEL,(2008); FERNANDES, Priscila M. **Imigrante japonês e sociabilidade na fronteira: Londrina 1930 – 1953**, Monografia de Especialização. Londrina: UEL, 2005; e LESSER, Jeffrey. **A negociação da identidade: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil.** São Paulo: Ed. Unesp, 2001.

¹⁷ VER: SILVAc, (2010). **Ressignificações do espaço urbano londrinense: Aeroporto, Jardim Santos Dumomt e Praça Nishinoumiya (1950 – 1988)** Monografia de especialização. Londrina: UEL, 2010.